

DEGUSTAÇÃO
CORTESIA
DO EDITOR

O Agênerre Robson Pinheiro

pelos espíritos
Ângelo Inácio



Seu corpo é provisório.
Suas intenções, nem tanto.

LANÇAMENTO INÉDITO



Quem ousa exaltar o bem e acusar o mal?

Uma grande batalha está em curso, e as armas para vencê-la não são de pólvora ou gás, mas de coragem e honrabilidade para resistir. **ROBSON PINHEIRO** pelo espírito **Ângelo Inácio**



casadosespíritos

| casadosespíritos.com

INTRODUÇÃO | viii

CAPÍTULO 1

O agente | 14

CAPÍTULO 2

Diálogo dos deuses | 52

CAPÍTULO 3

Íncubo | 88

CAPÍTULO 4

Um perigo chamado mulher | 134

CAPÍTULO 5

Filhos das estrelas | 180

CAPÍTULO 6

Detetives de dois mundos | 244

CAPÍTULO 7

Sob as vistas da Santa Sé | 274

CAPÍTULO 8

Roma–Budapeste–Paris | 322

CAPÍTULO 9

Cápsula do tempo | 354

EPÍLOGO | 374

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 380

capítulo 3

Incubo

E RA UMA ALA escura e que cheirava à morte. Havia túmulos por todos os lados, além de figuras, estátuas e outras referências àqueles que estavam ali sepultados, ao longo de quase dois mil anos de história. Corredores escondiam-se do olhar curioso de turistas; nem sequer a todos os membros da organização milenar a entrada era franqueada, mas apenas aos mais graduados e fiéis. Em outro lugar ali próximo, grades e mais grades guardavam documentos confidenciais e preciosos, que só poderiam ser abertos ou consultados após transcorrerem ao menos 70 anos da morte de quem os havia produzido. Riquezas, segredos e sabe-se lá quanta coisa mais jazia ali, naquelas catacumbas. Corredores quase infindáveis, túmulos atribuídos às mais proeminentes personalidades, objetos e reminiscências que pertenceram a figuras célebres e

poderosas da história; tudo concorria para compor aquele império de morte palidamente disfarçado, aquela atmosfera lúgubre e macabra. Ao longo do tempo em que se ergueram as paredes dos edifícios portentosos — e também se alimentou a chama da ignorância sob a máscara da fé —, acobertaram-se muitas atrocidades, golpes de corrupção, guerras fratricidas e lutas entre facções, em busca do poder desmedido, bem como o roubo massivo de documentos e vidas, tudo, entremeado por finanças obscuras e crimes de lavagem de dinheiro — este, aliás, o grande móvel para o sustento de toda a monarquia erigida em torno do nome do bem-aventurado filho das estrelas.

Largamente distante do céu que pretendia representar e bem mais próximo do averno que divulgava odiar, o sistema todo fora concebido ao longo de séculos e, em certa medida, forjara a civilização ocidental. Por suas características, foi taxado de

Babilônia moderna por alguns autores do livro cuja autoria era atribuída ao sagrado, ao divino. Nada impediu que a estrutura completa se tornasse um fermento de traições ou um ninho de hienas enfurecidas, onde se digladiava por centavo a centavo dos fiéis, arquitetando-se as mais acirradas disputas, traições e toda sorte de artimanhas urdidas para manter o poderio de uma cúria faminta, insaciável ao gozar de privilégios à frente de inúmeras instituições espalhadas ao redor do mundo. A síntese desse aparato de poder não seria mais bem-delineada do que nas palavras do profeta, que o denominava de Grande Prostituta, a qual se corrompeu com todos os reis da Terra.¹

Nada mais natural, portanto, do que aquele local ser escolhido a dedo para a criatura assumir um corpo corruptível, catapultar-se ao mundo dos vivos, alimentando-se de ener-

¹ Cf. Ap 17:1-6.

gias roubadas, de ectoplasmas espalhados pelo ambiente e de fontes outras das quais arregimentara forças para locupletar-se, fartar-se do cheiro nauseabundo de fantasmas vivos que se arrastavam pelos corredores infindáveis e os labirintos sombrios sob a abóbada da Santa Sé. Aproveitando a sorte de um infeliz que fora silenciosamente trancafiado, esquecido em uma masmorra ainda ativa, porém desconhecida, nos calabouços obscuros tidos como locais privados de veneração e culto, o ser das sombras soube muito bem utilizar-se do resquício de energia do pobre padre que ousara perguntar muito mais do que poderia. Foi ali, esquecido pelo resto do mundo, que o infeliz teve seu contato primeiro, um dos mais horripilantes de sua vida, com a criatura sombria, que fora atraída até lá por puro processo de sintonia. A princípio, uma chama bruxuleante parecia vagar pelo corredor quase totalmente escuro, não fosse alguma vela de cera que ficara acesa por esquecimento de algum representante

da justiça local, talvez por alguém ligado ao Instituto para Obras da Religião. Para o mundo, aquele miserável sacerdote havia cometido suicídio. Ninguém conheceria seu paradeiro desde o momento em que fora encarcerado ali, em meio ao odor pútrido da corrupção de almas. Mas ele ainda vivia...

O fantasma escorregou por entre paredes, arrastou-se penosamente um pouco acima do chão, dando a impressão de que encontrava grande dificuldade em se locomover no mundo dos mortais. Roncava como se estivesse prestes a morrer, se morrer pudesse novamente. Em seu infortúnio, o padre ocultado das vistas dos mortais pelo resto da vida que fosse capaz de sustentar — talvez uma semana, meses ou pouco mais — arrepiou-se de cima a baixo, sentindo a pele enregelar ao perceber, depois de um tempo dilatado de reclusão, que não estava só naquele calabouço. O pavor, o medo como nunca conhecera tomou de assalto sua alma cheia de culpa, e o remorso fez o restante do trabalho, com-

pondo o clima íntimo de horror quando a entidade se materializou quase por completo diante do pobre infeliz. O padre rezava roucamente, misturando rezas que não faziam nenhum sentido, nem sequer para ele próprio. Aprendera o ofício de maneira automática, e, com o mesmo automatismo, sua mente nem ao menos acompanhava os murmúrios provenientes de sua boca, que, escancarada, ele não sabia mais controlar. Tremia todo, de maneira que quase não se sustentava em pé sobre as próprias pernas.

A aparição demorava muito mais do que costumeiramente. Afinal, não era uma aparição qualquer. Para transitar ali, naquele antro de corvos com disfarces humanos e onde se congregavam tanto poder e manipulação, somente um dos poderosos poderia lograr êxito. Esqueletos pareciam trancafiados também, enquanto um ou outro ser, mingando de fome e sede, estertorava ao limite de sua resistência em celas escuras, obscuras, sombrias e tão frias como a aura do fantasma. Ele arrastava-se até a cabina onde sucumbia o padre vitimado por confrades inescrupulosos, que

agiram em surdina, sem o conhecimento das autoridades mais graduadas — pensava o prisioneiro — ou, quem sabe, sob o beneplácito de quem pudesse evitar o pior. Ali, na sinistra masmorra há séculos preservada entre os labirintos construídos por mãos assassinas, por fiéis que tiveram suas línguas arrancadas e que já não mais faziam parte do coro dos vivos, exalavam-se fluidos, ectoplasmas de pessoas capturadas e punidas devido à rebeldia declarada ou dissimulada contra o sistema que lhes impunha condenação. Era um ectoplasma pestilento, eram fluidos macilentos, escuros, cujo cheiro de podridão pairava no ar infectado do ambiente tenebroso. Tudo estava de acordo com a necessidade da entidade, que se aproximou devassando a alma do mísero cura.

À frente das grades da cela fria e de sombras quase materiais, tamanha sua densidade, pairava a criatura, exalando de si os vapores das regiões íferas. Levantou o braço direito, envolto num manto de cor desconhecida pelos simples mortais — e de constituição etérica completamente

diferente daquelas estudadas pelos supostos sábios da espiritualidade. Tão logo o ergueu, apontou o dedo em riste para o famigerado cura, que desmaiou de imediato, entregando-se ao delírio dos sentidos no exato instante em que era arrancado do corpo físico pela tétrica aparição, o espectro que se esgueirava pelos corredores das catacumbas secretas. A entidade ainda teve tempo de sorver os fluidos liberados pelo homem, que caía ao chão fétido, enquanto ainda caía. Nada mais se viu, nada mais se ouviu além do grito rouco que denunciava a ruína e o horror daquela alma, que tivera seu corpo etérico sequestrado para que, com ele, a criatura de medonhos pesadelos forjasse o molde de um corpo semimaterial, corpo em tudo semelhante ao humano, não fossem as possibilidades de locomoção e desmaterialização, além da extrema sensibilidade à luz solar, sua única fraqueza, que humano algum podia descobrir. Era constituído de fluidos etéricos e puro ectoplasma. Tais elementos aglutinavam-se de tal maneira a ponto de lhe permitirem a convivência, a partir de então, com todos os mortais do planeta sem jamais se revelar; salvo se houvesse

seres invisíveis dotados de autoridade superior e força moral suficientes para enfrentá-lo e desmascarar a enigmática figura — eis o único temor que o perseguiria durante toda a sua abominável existência como agêner.

O homem de corpo robusto caminhava nu pelos corredores do subterrâneo sombrio. Subiu escadarias e transpôs obstáculos à medida que deixava para trás um corpo inerte, moribundo, sugado no limite das reservas vitais, usurpadas com o propósito único de sustentar um tipo de vida execrável e doentio. O demônio feito gente exibia, entretanto, o aspecto de um atleta de corpo torneado e músculos bem-definidos, a ponto de provocar inveja em muitos jovens, que decerto cobiçariam tal aparência e virilidade. Ainda assim, o homem apresentava feições muitíssimo bem-conservadas de alguém com cerca de 40 e poucos anos, embora disfarçados pela beleza incomum que conseguira imprimir nas células materializadas minutos antes, conferindo-lhe aquela constituição tremendamente máscula de seu corpo quase humano.

Ao subir as escadarias totalmente nu, chamou a atenção do primeiro soldado da Gendar-

maria com quem cruzou, o qual montava guarda no último reduto onde era possível ficar de prontidão sem que se descobrissem os calabouços disfarçados, escondidos abaixo daquele andar onde estava. Antes disso, o barulho advindo das escadarias que conduziam ao porão despertara o rapaz de plantão; era o som dos passos seguros e firmes do agêner, que, como trovões, ecoou na alma do sentinela, que, a esta altura, já tinha os batimentos cardíacos em disparada. Tão logo o jovem mirou o homem e distinguiu a silhueta daquele que vinha em sua direção, com toda a virilidade à mostra, ambos entreolharam-se significativamente. O soldado nem ao menos questionou de onde o estranho vinha e por que subira exatamente por ali, saído de um lugar proibido pelos clérigos. Apenas deixou-se guiar pelo instinto erótico e pelo magnetismo pulsante e quase irresistível da criatura materializada. Não saberia explicar o pobre rapaz nem a repentina aparição proveniente dos subterrâneos nem ao menos por que meios aquele apolo se apresentava inteiramente nu nos corredores daquele ambiente considerado sagrado por muita gente, embora, para ele, fosse tão somente um local de trabalho. O jovem fardado fitou o corpo

cheio de vigor e saúde aparente, e seu olhar ligou-se instintivamente à virilidade do ser à sua frente, o qual soube interpretar o gesto, o olhar do guarda, como indicativo de sua identidade sexual. Para ele, o ser da escuridão disfarçado de homem, tanto fazia se encontrasse ali um homem ou uma mulher; sua reação seria absolutamente a mesma. O instinto falaria mais alto, a sensualidade arrebataria qualquer um, já que para si não havia preferências, a não ser a preferência pelos fluidos humanos que poderia vampirizar, usurpar, absorver. Esse era todo o seu interesse, e assim seria enquanto no mundo dos mortais vivesse.

Ali mesmo, agarrou o rapaz, tomando-o vigorosamente num só gesto, sem o mais leve vacilo nem hesitação, como se ressoasse uma voz de comando inaudível, porém irresistível. Sem nenhuma palavra que pudesse ser dita e sem nenhuma precaução quanto ao local onde estavam, a entidade não deu margem a qualquer reação por parte do sentinela. E o rapaz não queria mesmo resistir ao magnetismo sedutor, mas se entregar e sucumbir por completo à virilidade ereta do homem portentoso que encontrara, vindo não se sabia de onde nem por quê.

Ninguém mais estaria ali àquela hora, nem sequer fazendo ronda, pois era uma ala reservada, cujo acesso se restringia aos donos do lugar e a pequeno número de serviçais. Era madrugada, e todos dormiam ou, talvez, confabulassem planos diabólicos de domínio das consciências.

A criatura materializada pôs-se a arrancar as roupas do soldado — lança e armas já depositadas —, o qual se abandonou sem pestanejar à potência e ao charme sensual estonteantes daquele homem como jamais vira em sua existência, na busca de prazeres pelos recantos obscuros de toda a Roma. Em meio aos sussurros hipnóticos e aos beijos da mais escancarada volúpia, os dois consumaram ali mesmo o pleno gozo dos sentidos. Rolaram pelo chão, até o momento em que o rapaz foi absolutamente possuído, rasgado, penetrado pelo órgão varonil, que, em seu interior, despejava fluidos nauseabundos, enquanto sugava-lhe o ser por completo, até as derradeiras reservas energéticas. O guarda gemia de prazer e de dor como jamais sentira em sua vida, à proporção que estocadas cada vez mais profundas, fortes e voluptuosas rasgavam-lhe também a alma, além das entranhas, e seu espírito era profanado em meio a uma orgia que nunca lograria esquecer. Espíritos sombrios não materializa-

dos espreitavam os dois — o agêner e o guarda, que juntos suavam, contorciam-se, lambiam-se, gritavam e gemiam —, por sua vez, masturbando-se e contorcendo-se; eram exóticas criaturas da noite, partícipes da orgia diabólica, enquanto o estupro de uma alma entediada era perpetrado pela horrenda cria dos infernos.

Quando terminou o ritual incensado pela libido em ebulição do espectro recém-corporificado nos corredores que saíam das catacumbas, a criatura ergueu-se lentamente acima do corpo do guarda, que, a esta altura, jazia morto, exaurido, com sua alma estilhaçada, fragmentada sobre o solo. Até os mais leves vestígios de seus fluidos haviam sido vampirizados pela aparição tangível, que emergia daquele primeiro orgasmo, profundo e libidinoso, sem quaisquer escrúpulos nem pudores, enquanto o corpo estirado no chão envelhecera ao menos uns 40 anos. A pele do corpo que até então servira de morada ao sentinela enrugou-se a tal ponto que mais parecia a cera derretida das velas nas piras — acesas por fiéis que jamais suspeitariam que algo assim fosse possível no mundo dos mortais, muito menos ali, nos átrios tidos como sagrados por quem não trabalhava no íntimo do Vaticano. Aliás, nem sequer grande parte dos [...].

Capítulo 5

Filhos das
estrelas

O DIA AMANHECEU na lua Ganimedes como há muito tempo não ocorria ali, naquele recanto longínquo em relação ao planeta Terra. Uma notícia havia sido decodificada por aparelhos ultrasensíveis de rádio, de um tipo que permitia que as mensagens interestelares fossem captadas em tempo real, aliás, com um atraso de alguns míseros segundos. Era uma maravilha técnica de povos que trabalhavam unidos, dando origem a um suporte científico que auxiliaria muitos mundos no desenvolvimento da comunicação.

Naquele dia, receberiam uma comitiva no satélite do planeta gigante, numa escala em meio à viagem rumo à lua terrestre, importantíssima base dos guardiões planetários. Depois de se disporem ao trabalho mais cedo do que de costume, Elial-bá-el e seu filho Sharan-el, juntamente com dois representantes de outra humani-

dade, caminhavam pelos longos corredores numa espécie de esteira rolante, no ambiente interno de uma das redomas preparadas para permitir o convívio de alienígenas de raças e procedências distintas. Os dois amigos eram um *gray*, nome dado em alusão à pele cinzenta dos de sua espécie, cujos representantes traziam olhos muito proeminentes, e o outro era um ser dos mundos de Capela, cujo corpo parecia ser feito de uma constituição mais sutil ou energética, e não propriamente material. Eram marcantes as diferenças entre os representantes das estrelas, incluindo altura, tamanho e proporções entre os membros. Enquanto os dois *annunakis* ultrapassavam os 3m, o capelino media em torno 2,2m e o *gray*, 1,6m. Não obstante, a robustez da constituição física ou a altura dos seres de modo algum determinava o grau de inteligência e a força de seus espíritos, atributos que não guardavam nenhuma relação com a fisiologia ou a morfologia

das raças. Caminhavam todos sobre a esteira, rumo ao recinto onde receberiam os visitantes. Além da comitiva interestelar, também chegaria em breve a delegação da Terra, representada por um guardião que viria receptionar os filhos das estrelas ali mesmo, em Ganimedes.

Quando chegaram ao local onde alunissaria a nave da comissão de outros mundos, já pousava a poderosa nave dos guardiões, de mais de 300m de diâmetro, a Estrela de Aruanda — nome um tanto incompreensível para os extraterrestres ali presentes, pois somente faria sentido para os espíritos da Terra. Watab, o guardião africano, desceu num dos compartimentos móveis, independentes da grande nave, que dela se destacara. O conjunto completo tinha a aparência de uma estrela, ou melhor, da figura de uma estrela, conforme os terrícolas a costumavam desenhar. Uma estrela de seis pontas que, juntamente com a parte central, também indepen-

dente, formava, ao todo, sete compartimentos integrados, onde havia diversos contingentes de guardiões. Watab desceu na companhia de Dimitri, Kiev e mais dois *annunakis* — estes, os mesmos que haviam conduzido a excursão com Jamar¹ até os sistemas planetários que possivelmente receberão os seres expatriados da Terra, isto é, os espíritos que não mais poderiam se reabilitar ou se reeducar no contexto do sistema de vida terreno, uma vez que extinguiram a cota de possibilidades e resistiram a todos os recursos reeducativos que a morada planetária tem a oferecer.

Foi a primeira vez que o filho de Elial-bá-el avistava um ser da Terra com a aparência como a de Watab. Encantou-se com a cor escura de sua epiderme e o tipo forte mas esguio, que lembrava, de alguma forma, um felino. Apesar de poucos, eram seres muito diferentes entre si

¹ O autor refere-se à excursão narrada no último capítulo do volume precedente desta série Crônicas da Terra (cf. PINHEIRO. *Os nephilins*. Op. cit. p. 396-475).

reunidos ali, no mesmo ambiente — e os *annunakis*, os *grays* e o capelino nem haviam tido contato com o contingente numeroso de terrícolas a bordo da nave dos guardiões. Em seu planeta de origem, Watab e os seres que o acompanhavam eram considerados desencarnados, ou seja, seres que já haviam passado pelo descarte biológico final. Não obstante, ali eram perfeitamente visíveis, pois todos os que os recepcionavam tinham capacidade de interagir com seres de dimensões diferentes. A densidade material dos extraterrestres correspondia, em certos casos, à da dimensão considerada semimaterial ou etérica na Terra. Era o caso do capelino e de determinada raça habitante de Nibiru.

— Bem-vindos, terrestres! — saudou Elial-bá-el. — Estejam à vontade em nossa base, que também representa uma extensão do seu lar.

Watab e Dimitri olharam para todos os lados, pois era a primeira vez que vinham a Ganimedes. Kiev, por outro lado, permanecia estático; não [...].

SOBRE O AUTOR



ROBSON PINHEIRO é mineiro, filho de Everilda Batista. Em 1989, ela escreve por intermédio de Chico Xavier: “Meu filho, quero continuar meu trabalho através de suas mãos”.

É autor de mais de 35 livros, quase todos de caráter mediúnico, entre eles *Legião*, *Senhores da escuridão* e *A marca da besta*, que compõem a trilogia O Reino das Sombras, também do espírito Ângelo Inácio. Fundou e dirige a Sociedade Espírita Everilda Batista desde 1992, que integra a Universidade do Espírito de Minas Gerais. Em 2008, tornou-se Cidadão Honorário de Belo Horizonte.

O PALCO DESTA LUTA É A SUA ESTANTE



A jornada para iluminar a escuridão continua.

Conheça os outros livros da série Crônicas da Terra: *O Fim da Escuridão* e *Os Nephilins*, também do espírito Ângelo Inácio.

casadosespiritos





VATICANO. O menor país do mundo e um dos maiores centros de poder, dono de riquezas e segredos insuspeitos e insondáveis. Abaixo do trono de São Pedro, emerge a materialização do mal. Este agênera não é o único espírito que caminha disfarçado entre os homens, mas este anseia por energia, poder, dinheiro e influência a fim de executar seus planos mais diabólicos. Os emissários da luz, guardiões do bem imortal, não podem ficar parados e se adiantam às artimanhas das sombras, secundados por extraterrestres que vêm em socorro do mundo Terra nesta hora decisiva. A certa altura, Jesus afirmou que não veio trazer a paz, mas a espada. E nós, cristãos, estamos prontos para lutar?

Série CRÔNICAS DA TERRA , vol. 3



casadosespíritos